

PINTO, Ana Paula et al., org. – *Mithos e Heróis: A expressão do imaginário*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2012. 672 p.

Esta publicação surge no âmbito de uma Linha de Investigação dos Estudos Interdisciplinares do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Faculdade de Filosofia, em Braga, da Universidade Católica Portuguesa, que, no intuito de «promover e estimular uma reflexão crítica» em torno do imaginário mítico da Antiguidade Clássica na Literatura e na Cultura Ocidentais, deu à estampa esta publicação, resultante de um Colóquio realizado em 2010.

Como referem os organizadores na Nota Prévia, o presente volume «reúne estudos de investigadores e conceituados especialistas em Estudos Clássicos, Literatura, Filosofia, Psicologia, História e Estudos Artísticos e Culturais, de mais de vinte instituições académicas». O tema central, que aglutina os contributos dos diversos intervenientes neste Colóquio, foca-se num dos legados mais importantes da nossa identidade e matriz cultural: o *Mito*. Na verdade, o célebre historiador grego Heródoto, do século V a. C., afirmava sobre Esopo que ele era um exímio produtor de fábulas (*logopoiós*). Já Sócrates, no diálogo *Fédon* 61 b, se define como alguém que não é um fazedor de mitos (*poiein muthos [...] autos ouk é muthologikós*).

Todavia, é pela mesma boca de Sócrates que se lê que a força do logos que o *muthos* contém não deixa de expressar a sua mais elevada função de racionalidade, por meio do exame racional (*diaskopein*) e da narrativa mítica (*muthologeín*). Assistimos, portanto, no divino Platão, a uma dupla utilização do mito, ora como fim último e inesgotável do termo de uma disputa dialética e racional, ora como princípio que instiga o início de uma investigação racional e suprarracional. Por isso se pode dizer que as narrativas míticas permitem que «através delas aprendemos a ouvir o inaudível, a dizer o indizível, e a incorporar no silêncio da nossa perplexidade a explicação do inexplicável».

A obra está dividida em três secções: A. *Mitos e heróis*; B. *Mito e literatura*; C. *Outras expressões míticas*. A primeira secção apresenta seis estudos que se consagram, na sua maioria, a explorar a ideia de herói enquanto «modelo de humanidade» que se reinventa em vários momentos da nossa história cultural europeia, mormente, a literária. Daí que os estudos concentrados nesta primeira secção explorem, significativamente, alguns dos mitos mais representativos, reinterpretando o modelo de herói sobejamente polifacetado, nas diversas narrativas míticas e poéticas. O primeiro estudo abre este leque de amplas reflexões, tomando como mote o mito hesiódico das cinco raças que, enquanto interpretação de «uma progressiva deterioração do género humano» (p. 19), serve de modelo para a descrição, aqui tentada, de uma «evolução temática» do «herói» clássico. Na sequência desta perspetiva, os estudos seguintes exploram amplamente a significação particular de certas figuras da epopeia da Antiguidade greco-latina, reutilizadas e recriadas na «tradição literária posterior», como por exemplo, o mito de Dédalo e Ícaro, nalguns escritores da Literatura portuguesa (p. 33), ou o mito de Fausto na Literatura alemã (p. 63). O funcionamento político do mito é objeto de avaliação na figura de Licurgo, enquanto criador mítico da constituição espartana (p. 51), dando-se, de seguida, a uma exploração semântica e histórica na busca de

«novos horizontes, buscando riquezas» que redescobrem o «mito clássico sempre fiel companheiro dos descobridores» (p. 84).

A segunda seção, dedicada ao *Mito e literatura*, está dividida em três épocas: 1. Época Clássica; 2. Época Medieval e Renascentista; 3. Época Moderna e Contemporânea. Contabilizam-se trinta e nove estudos, distribuídos pelas três épocas. Na época clássica concentram-se os estudos dedicados a diversas figuras mais representativas de algumas das obras da Antiguidade clássica grega. O mito na Literatura foi, e será sempre, uma fecunda realização. Os modelos da mitologia grega são inesgotáveis, tal como se lê nestes onze estudos que analisam a narrativa mítica, através das diversas personagens heroicas da época clássica, como por exemplo, os pares heroicos: Agamémnon-Orestes, Odisseu-Telémaco e Hércules-Hilos, enquanto figuras de construção identitária de Pai-Filho, ou a *Odisseia* de Homero, enquanto modelo representativo de uma narrativa que inaugura a «criação do homem ocidental em busca de si mesmo». Por isso, este mito pode ser entendido como um «mito fundador da civilização helénica [...] que interpela o homem do século XXI» (p. 115). Já a figura do herói Aquiles, ou a figura singular de Hércules, o «herói falhado», ou ainda a do herói Teléfo, na comédia de Aristófanes *Acarnanses*, e como «paródia da tragédia de Eurípedes» (p. 223), completam o quadro de análise destes heróis. Mas a mitologia não se confina a uma simples antropomorfização dos deuses gregos e à sua ampla simbolização e sobrevalorização, mesclando ações humanas e divinas. Também fazem parte do 'herói' alguns elementos metafóricos do mundo animal, que determinadas personagens transfiguram. A figura da mulher é também outro tema aflorado num destes estudos, dando lugar a uma reflexão que intenta verificar como, no modelo espartano, a influência das mulheres na vida de Esparta pode ser entendida «entre o mito, a idealização literária e a realidade histórica» (p. 140). É sob o signo da 'história' que os mitos e os heróis nas *Historias* de Heródoto nos revelam, para além dos aspetos da história e da cultura dos diferentes povos e civilizações, a reprodução de algumas das lendas etiológicas (180).

O segundo período recobre a época medieval. Encontramos aqui dozes estudos consagrados a uma análise textual, intertextual e construtiva sobre a presença do modelo heroico e mítico, no período medieval e renascentista, recriado na Literatura, na Hagiografia, na Historiografia e na Dramaturgia. Pode-se assim falar de «ressurgências míticas» e «transformações do modelo heróico» no século XII, através do romance, da poesia e das canções de gesta, em que se recriam novos mitos e novos paradigmas narrativos (p. 232). Um dos estudos faz uma explanação pontual e com uma comparação dos *loci communes* entre a obra de Dante e a sua presença na obra de Camões, como um dos motivos fundamentais para se perceber a referência na *Odisseia Lusitana* (253). Um outro estudo dedica-se ao estudo da história de Dido na obra de Afonso X, *Estoria de España*. Os aspetos míticos e lendários desta «magnífica personagem feminina» revelam ser intrigantes e sugestivos para a compreensão da obra, quando se procura entender «a que pretexto a história da princesa fenícia, que fundou Cartago e que nunca esteve em Espanha vem integrar esta compilação» (p. 271). Os restantes estudos afloram «Os exempla e a promoção de um ideal de perfeição» na tradição humanista renascentista que se inspira do modelo clássico; já o estudo sobre os «mitos do individualismo» explora o mito de Dom Juan, através da criação da peça de Tirso de Molina, que incorpora diversos heróis greco-latinos (p. 311). Outros estudos ainda avaliam a construção de um herói no discurso hagiográfico, a partir da *Vita de S. Fructuosi*, e um outro procura descobrir o interesse da biografia de S. Millan de La Cogolla, cuja

obra foi composta no século XIII e reconstrói uma nova versão da biografia do Santo (VSM), de modo a especificar um determinado modelo hagiográfico e heroico. Por último, encontramos um estudo que apresenta uma leitura hermenêutica do *Auto da Barca* de Gil Vicente, comparando-o com a *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, sob o plano da perspectiva do imaginário (p. 359).

O terceiro período recobre a época moderna e contemporânea. Apresenta dezasseis estudos que, tendo sempre como mote principal o mito e a sua presença na obra criadora, percorre, nos mais variados escritores da época moderna e contemporânea, as transfigurações possíveis do elemento mítico. Os estudos sucedem-se percorrendo uma longa trajetória literária e poética da nossa época contemporânea. Assim, e não podendo ser aqui tão exaustivos quanto desejaríamos, podemos apenas enunciar alguns deles: «A interpretação pós-moderna do mito sebástico», em Almeida de Faria, as «fulgurações» do mito de Orfeu, em António Lobo Antunes e em Maurice Blanchot, o mito de D. João na obra «Fábula Mágica» de António Patrício e a «persistência do arquétipo do herói» na poesia de António de Andrade, através do exemplo da viagem e do mar (p. 463). Já na obra de Lídia Jorge *A Costa dos Murmúrios* se explora a figura de Medeia e de Helena de Troia. Revistando uma vez mais o mito de Ulisses, surge-nos o estudo que procura desvendar esta figura na obra *Os Passos em Volta* de Herberto Helder. Termina esta longa secção uma análise da figura de Vénus na obra queirosiana.

A terceira e última seção é dedicada a uma enunciação da presença significativa das diversas figuras míticas, nas mais variadas expressões criativas, como por exemplo, a pintura, a coreografia e a numismática. Outros estudos avaliam o espaço urbano e citadino como fonte coletora e dinâmica do lendário e do mítico (p. 600). A perspectiva que se patenteia no estudo «depois do mito, a tecnologia» retoma a ideia defendida por Northrop Frye que, a respeito da ficção científica, afirma que ela é «a mode of romance with a strong tendency to myth» na medida em que configura e restitui ao mito a sua força inesgotável de transfiguração, que o pensamento de Ricoeur tão sabiamente soube explorar, quando define a narrativa (*muthos*) «enquanto atividade configuradora, recriadora e sobressignificadora da ação temporal do homem» (p. 667).

Esta obra condensa um vasto e amplo estudo sobre o mito e os seus heróis num horizonte alargado, mas permitindo, simultaneamente, análises bem determinadas, no âmbito da Antiguidade greco-latina clássica. A área que mais bem representada está neste volume é a literária. Todavia, outras abordagens, em particular, o domínio da Filosofia, poderiam ter sido mais bem evidenciadas. Por tudo isto, é uma obra que se aconselha vivamente a ler.

Maria Manuela Brito Martins